



Apresentação

Paisagens Linguísticas: ideologias, discursos e práticas multilingues nos espaços sociais

1 Introdução

O presente número especial, dedicado ao tema da Paisagem Linguística (PL) em diferentes cenários e contextos, com foco especial nos contextos educativos de língua portuguesa, nasce do envolvimento das organizadoras no projeto europeu LoCALL - “Local linguistic landscapes for global language education in the school context”². O escopo deste projeto é a utilização pedagógico-didática das PL, designadamente plurilingues, em contextos de aprendizagem formal de línguas, no sentido de desenvolver a consciência linguística dos públicos envolvidos e de abrir novas pistas na formação de professores, para um trabalho sustentável e estruturado com a diversidade linguística social e com a competência plurilingue individual. Este número temático vai além desses usos pedagógicos da PL e abarca uma grande diversidade de temas e contextos.

Importa, neste momento, considerar a definição-base de PL. Num trabalho seminal de 2006, Gorter explica que “language is all around us in textual form as it is displayed on shop windows, commercial signs, posters, official notices, traffic signs, etc.” (2006, p. 1), pelo que essas formas textuais quotidianas constituiriam o objeto de estudo dos investigadores interessados na descrição e análise de PL. No seu prefácio à obra de Blommaert (2013), os editores, A. Pennycook, B. Morgan e R. Kubota (2013,

² O projeto europeu “LoCALL - Local Linguistic Landscapes for global language education in the school context” (2019-2022) é financiado pelo programa Erasmus Plus e coordenado pela Universidade de Hamburgo (2019-1-DE03-KA201-060024). Fazem parte da equipa as universidades de Aveiro (Portugal), Barcelona (Espanha), Groningen (Países Baixos) e Strasbourg (França). Para mais informações e recursos pedagógicos e formativos produzidos no âmbito do projeto, consultar URL: <https://locallproject.eu/>.

p. ix), indicam três motivos que impulsionaram a investigação em torno das PL e que justificam, assim, a pertinência do presente número temático:

- uma crescente atenção ao espaço e à sua apreensão subjetiva pelos sujeitos que o habitam, reconsiderando o termo “contexto” nos estudos em Sociolinguística;
- o desenvolvimento dos estudos em torno do plurilinguismo urbano, na perspectiva da etnografia linguística, deslocando o foco da observação do mapeamento da diversidade linguística para a vivência direta dessa diversidade;
- o foco em políticas linguísticas públicas, designadamente da sinalização urbana, e em opções de sinalização em diferentes contextos.

Como veremos nas seguintes secções desta contribuição, a noção de PL tem-se expandido em termos sinestéticos e disciplinares. Assim, na secção 1, explicaremos como a noção de PL se alargou aos domínios das PL sonoras, e até tácteis (através do Braille) e olfativas³. Do mesmo modo, o estudo da PL começa a integrar, paulatinamente, a linguagem gestual. Na secção 2, propomos uma revisão, necessariamente circunscrita, de estudos sobre PL plurilingues e multissemióticas, desenvolvidos no âmbito de diferentes disciplinas. Focalizaremos, tendo em conta o escopo da revista Domínios de Lingu@gem, na Sociolinguística e na Didática de Línguas. Após apresentarmos sucintamente os artigos que compõem este número especial, deixaremos ainda pistas de exploração futura para investigações que pretendam trabalhar com PL, quer enquanto objeto direto de observação, quer como instrumento de ação pedagógica.

³ No campo da Arte, o olfato tem sido estratégia de subversão da forma de localização espacial a partir de paisagens, uma vez que se parte do sentido do olfato para reviver ou evocar espaços memoriais, ou seja, a Paisagem revela-se como uma “projeção da consciência humana”. É o que demonstra Paraguaí (2019) com seu trabalho e o conceito de “sensescares”.

2 Estudar as Paisagens Linguísticas: sinais escritos e o resto é paisagem?

Depois de estudos que tomavam, sobretudo, as línguas à “nossa volta”, de acordo com a definição anteriormente citada de Gorter (2006), Shohamy e Gorter definem PL de forma mais holística, considerando que esta inclui sons⁴, imagens e grafites (2009, p. 4)⁵. O alargamento do campo de estudos poderá observar-se pelos títulos das colectaneas mais populares publicadas acerca do tema. O quadro 1 apresenta, sem pretensão de exaustividade, os livros editados em língua inglesa nos últimos 15 anos.

Quadro 1 – Publicações de relevo em língua inglesa.

Ano	Título do livro	Nome dos editores ou autores
2006	Linguistic Landscape: A new approach to multilingualism	D. Gorter (ed.)
2007	Linguistic Landscapes: Comparative Study of Urban Multilingualism in Tokyo	P. Backhaus
2009	Linguistic Landscape: Expanding the scenery	E. Shohamy, D. Gorter (ed.)
2010	Linguistic Landscape in the City	E. Shohamy, E. Ben-Rafael, M. Barni (ed.)
2010	Semiotic Landscapes. Language, Image, Space	A. Jaworski, C. Thurlow (ed.)
2012	Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social change	Ch. Hélot, M. Barni, R. Janssens, C. Bagna (ed.)
2012	Minority Languages in the Linguistic Landscapes	D. Gorter, H. Marten, L. Van Mensel (ed.)
2013	Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes. Chronicles of complexity	J. Blommaert
2016	Negotiating and Contesting Identities in Linguistic Landscapes	R. Blackwood, E. Lanza, H. Woldemariam (ed.)

⁴ Tendo em vista que os sons, especialmente organizados em forma de músicas, ativam áreas cognitivas que facilitam a aprendizagem, no ambiente escolar os sons tornam-se um filão a ser explorado como recurso das Paisagens de Linguagens. É o que demonstram Zanella, Mattos e Assis (2019).

⁵ Os grafites têm sido explorados majoritariamente pelos pesquisadores do campo da Antropologia Urbana. Um exemplo desse tipo de explanação, lemos em Torres (2019). Adicionamos aqui as culturas digitais como um viés de que tem se servido a Semiótica, tal como lemos em Azzari (2018).

2019	Expanding the linguistic landscape. Linguistic diversity, multimodality and the use of space as a semiotic resource	M. Pütz, N. Mundt (ed.)
2020	Linguistic Landscapes. Beyond the Language Classroom	C. A. Seals, G. Niedt (ed.) (no prelo)

Ainda que não possam dar uma visão completa da evolução dos estudos acerca das PL (veja-se MARTEN; VAN MENSEL; GORTER, 2012, para uma síntese dos primeiros passos), podemos adiantar, a partir dos títulos das obras, as seguintes observações:

- Os estudos em torno das PL parecem iniciar-se em torno de questões relacionadas com o estudo do multilinguismo social, sobretudo em contextos urbanos, caracterizados pela sua hiperdiversidade linguística;
- segue-se uma fase de complexificação destes estudos, alargando-se o escopo de análise à interação das línguas com elementos semióticos mais variados e situados no tempo e no espaço, numa abordagem mais multimodal e complexa;
- os autores centram-se, numa fase posterior, de forma mais intensiva em questões de ordem social, na linha do interacionismo simbólico, e na forma como os sujeitos vivem e contestam identidades variadas;
- mais recentemente, os estudos acerca da PL chegam, de forma explícita, à linguística aplicada, em geral, e à didática de línguas, em particular, abrindo caminho para a construção de pontes entre aprendizagens em contextos formais e informais.

Conforme referem Hélot, Jannseens, Barni e Bagna, estas publicações “illustrate not only the originality of research in this new field but also its relevance to our understanding of language in our contemporary globalised world” (2012, p. 17). Esta breve sinopse traça a evolução da área em linhas muito gerais e exclui estudos pioneiros nas diferentes vertentes. Por exemplo, já em 1991, Spolsky e Cooper tinham

analisado as línguas de Jerusalém, constituindo-se como estudo pioneiro na área da sociolinguística urbana. Numa perspectiva didática, Dagenais, Moore, Sabatier, Lamarre e Armand (2009) e Clemente, Andrade e Martins (2012) desenvolveram investigação acerca das PL em ambientes escolares numa fase relativamente precoce da evolução destes estudos. Uma meta-análise detalhada dos capítulos incluídos nestas obras assim como um estudo cuidadoso do acervo de artigos científicos publicados em diferentes jornais poderiam ajudar a desenvolver uma cronologia mais detalhada da evolução dos estudos sobre PL.

Se os primeiros estudos se centraram na descrição e análise da presença das diferentes línguas em determinados espaços públicos, geralmente urbanos, muitas vezes numa perspetiva quantitativa e sincrónica que incluía o inventário das línguas presentes, os investigadores têm chamado à atenção para a necessidade de se ir além de uma abordagem centrada na contagem de línguas num determinado momento, para abraçar perspetivas mais dinâmicas das evoluções das PL no tempo e no espaço, considerando, desta feita, uma perspetiva diacrónica e histórica. Também os espaços de visibilidade das línguas se alargaram dos espaços físicos, abarcando espaços virtuais (ANDROUTSOPOULOS, 2020; BATISTA; PINTO, no presente número; CHIK; BENSON, 2020). A propósito da crescente complexificação dos estudos acerca de PL, Hélot, Jannseens, Barni e Bagna consideram:

The molding of linguistic landscapes amounts to much more complex issues related to language contacts, linguistic creativity, translanguaging, relations between languages to other codes, between written discourses and other discursive modalities, between many actors who write, read and contest linguistic landscapes, according to their attitudes, beliefs, perceptions and engagement at individual, societal and political levels. All these different actors, the signs they write (or don't write), the languages they choose (or don't choose), the modes they use (or don't use) and the reasons for such engagement with the written word/picture, contribute to the creation of meaning in a given space and show identity claims, power relations, and various forms of dissent (2012, p. 23).

Do mesmo modo, como a evolução anteriormente resumida deixa antever, o estudo das PL deixa de se focar exclusivamente em sinais linguísticos impressos, para dar conta da interação destes elementos com símbolos, materiais, cores, formas e tamanhos, caligrafia e tipos de letra, manuscrita ou não, numa perspectiva multimodal e multisemiótica (JAWORSKI; THURLOW, 2010), em que cada elemento fornece informações que indexam cada representação semiótica a um determinado estatuto, hierarquia e papel. Dito de outra forma, a mera contagem de línguas não chega para ilustrar a complexidade, as dinâmicas e as dissonâncias presentes nas PL, sendo necessário, recorrendo a Blommaert (2013), elementos que dêem conta da “ordered indexicality” e da “layered simultaneity” dos vários componentes semióticos observados. Assim, à contagem de línguas, que diagnostica a presença de línguas e a (des)valorização da diversidade linguística no tempo e no espaço, deverá associar-se uma abordagem interpretativa e qualitativa, que o mesmo autor reconhece na “deep ethnographic immersion” (idem), dando conta de como a PL estrutura o próprio espaço (AUER, 2009) e dita normas de participação e de exclusão. Como Blommaert afirma:

[Linguistic Landscape Study] needs to be brought within the orbit of ethnography. (...) LLS needs to become the detailed study of situated signs-in-public-space, aimed at identifying the fine fabric of their structure and function in constant interaction with several layers of context (2013, p. 14).

Seguindo esta abordagem, os sinais a serem considerados poderão ser, de acordo com a tipologia do autor, permanentes, temporários e relacionados com eventos, ou ruído (idem, p. 53) e desempenhar duas funções: “landmark”, recrutamento de públicos particulares, informação, tomada de posição pública e “muted sign”, ou seja, sinais que apenas acidentalmente produzem formas de interação e de significação (o autor dá o exemplo de uma saca do lixo com inscrições).

De acordo com Dunlevy, a análise dos sinais poderá ainda ser feita tendo em conta o seu carácter público ou privado (2012).

Neste sentido, a PL passa a ser entendida como artefacto que traduz a própria materialidade do plurilinguismo (ARONIN; Ó LAOIRE, 2012), dando atenção a uma vertente pouco explorada do plurilinguismo: a do “environment” (em oposição às vertentes “sujeito” e “língua”, mais estudadas). As autoras classificam o estudo de PL no âmbito da “multilingual material culture of places” (2012, p. 314) e explicam:

Older, traditional artefacts such as monuments, inscriptions, buildings, old dress codes, and so on, also have crucial socio-symbolic importance of reminding speakers of historical links of the minority language with a particular location, territory or topographical feature. (...). The minority language has a physical presence in the world of the majority language and vice versa (2012, p. 301).

Com base nestes avanços, outros estudos centrados na noção de PL mas mais focados nas diferentes materialidades presentes em diferentes espaços têm sido desenvolvidos: as PL escolares (schoolscapes; DRESSLER, 2015), as PL domésticas (homescapes; MELO-PFEIFER, no prelo) e as PL alimentares (foodscapes, KROMPÁK, 2018). Destas novas designações se depreende que o atual estudo de PL vai além dos espaços públicos (ver BENSON, 2019 e BENSON; CLARKE; HISAMUDDIN; MCINTYRE, 2019 para uma síntese). Em termos metodológicos, como resume Benson, “Linguistic landscape research has largely been concerned with multilingualism and has often involved quantitative analysis of the distribution of languages observed on signage. In other studies, smaller data sets and qualitative analysis are used” (2019, p. 2).

3. Paisagens Linguísticas e paisagens culturais: uma abordagem multidisciplinar

3.1 A noção de paisagem cultural

Para entender o caráter multidisciplinar desse campo, basta atentar no termo Paisagem, que remete para um conceito primariamente associado a uma abordagem geográfica do ponto de vista de alguma interferência humana (SILVA; PEREIRA; ALVES, 2019; GOMES; RUCHKYS; FERREIRA; GOULART, 2019, entre outros). No entanto, no campo da Geografia, ao lidarmos com recortes, quase sempre pressupomos certa estaticidade, que não se aplica às paisagens humanas, que são dinâmicas e revelam fragmentos de ações humanas (FIGUEIREDO; PIRES; HEIDRICH, 2018), inclusive o seu próprio olhar.

Nesse sentido, para além dos limites da palavra, esculpe-se um conceito muito mais amplo que envolve não somente as ações humanas embutidas nesse mesmo enquadramento, mas ainda as circunstâncias que a coloram. Talvez por isso, o termo “paisagem” migre rapidamente da área da Geografia para o campo da Cultura, e nesse locus vai camaleonicamente se acomodar, incorporando as distinções possíveis com base em sua materialidade (tangível ou intangível, conforme nomenclatura da UNESCO). Sendo a língua parte desse património intangível, concebê-la como parte da paisagem cultural⁶ não se torna um embaraço. E esse „encaixe“ permite dar voz a linguistas que focalizam a língua e a linguagem como parte de uma paisagem nada inocente, mas que se afigura permeada de intenções e motivações peculiares ao enredamento sociocultural situado no espaço-tempo deítico:

[...] o conceito de paisagem cultural é naturalmente questionável e evolutivo, dada a riqueza e complexidade da paisagem, integrando não só elementos como dinâmicas e sendo objecto de estudo multidisciplinar e de interpretações pessoais. Assim, consideramos que a paisagem cultural é um sofisticado produto cultural, fruto de

⁶ Para conhecer a evolução desse termo, sugerimos consultar Carvalho e Marques (2019). Ver ainda Saldi, Mafferra e Salinas (2019).

ideologias humanas, uma apropriação intencional, material e/ou imaterial do território/envolvente, reflectindo um modo de vida (ou uma visão) específico. São paisagens representativas e identitárias, fruto muitas vezes de rearranjos de gerações e por isso, repositórios involuntários de experiências e sabedoria com as quais aprendemos e que nos confortam, respondendo a um sentimento de pertença e enraizamento (CARVALHO; MARQUES, 2019, p. 94-95).

Tal como a população que constitui a paisagem, não há como represar por detrás de tapumes, nem dentro de cercas e muros sem interação e sem construção identitária objetos dinâmicos como as línguas, mesmo porque tapumes, muros e cercas também ganham significação no contexto em que são erigidos. Uma vez instalados, eles inserem-se num jogo simbólico de forças em que poderiam ser sufocados em enquadramentos mais restritos. Ainda assim, a resistência dessa dinâmica, mesmo apartada em espaços específicos, transpirará para ambientes de visibilidade. Não se perde, contudo, de vista que essa visibilidade é dissimuladamente parcial e dependente de quem a descreve e analisa.

Não é de estranhar que os primeiros estudos em torno das PL se tenham desenvolvido no contexto de pesquisas sobre dinâmicas sociais, especialmente em interesses sociolinguísticos. Com esse novo respiro na Linguística, pesquisadores camaleões (tal como se fossem antropólogos) saíram a campo para ali experienciar não somente as atitudes e papéis sociais e políticos das línguas, mas reconhecer-se como parte daquilo, não menosprezando o paradoxo do observador, que insuspeitamente rondava todo o processo. Desses experimentos para os voltados ao ambiente escolar, houve a adaptação do método que priorizou a figura do professor, mediador propício para desenvolver a consciência sobre a diversidade de falares, de línguas e de falantes.

3.2 Paisagens Linguísticas plurilingues e multissemióticas: abordagens sociolinguísticas e didáticas

Os primeiros estudos em torno da PL (por exemplo, SPOLSKY; COOPER, 1991) desenvolveram-se no contexto da Sociolinguística, devido ao interesse desta disciplina pelo papel social e político das línguas. No entanto, em 2012, Shohamy e Waksman definem a investigação este campo de investigação como claramente multidisciplinar, ao centrarem as problemáticas de investigação em torno de diversas ciências humanas:

the study of language and its uses all around us – in public spaces, in the virtual world and in the ecology at large. It focuses mostly on various forms of languages – verbal, visual and semiotic, which are displayed in public spaces such as markets, shops, schools, neighborhoods and cities. The main assumption of this research is that language in public space is not random and arbitrary, but rather systematically produced and hence it is possible to identify patterns in which are anchored in theories of politics, policy, identities, multilingualism, geography and economics (2012, p. 110).

Nesta contribuição, conforme anunciámos anteriormente, oferecemos um breve panorama dos estudos em Sociolinguística e Didática de Línguas.

Em Sociolinguística, os estudos investigam, grosso modo, as “LL as a site of political discourses, which need to be deconstructed to make sense of the relationships between people, language(s), signs, space and power” (HÉLOT; JANNSEENS; BARNI; BAGNA, 2012, p. 19). Ou, conforme referem Shohamy e Waksman, “language in public space has become an arena of symbolic struggle and debate about participation and distribution of resources in cities, work places, schools, neighborhoods, national and global spaces” (2012, p. 111). Esta distribuição desigual das línguas nos espaços públicos fornece indícios sobre a presença de diferentes comunidades linguísticas, sobre as suas hierarquias e estatutos, as suas ocupações socioeconómicas no tecido social, a sua voz e, paradoxalmente, também o seu silêncio ou silenciamento. Nesta

abordagem sociolinguística, o estudo das PL (a partir de MARTEN; VAN MENSEL; GORTER, 2012, p. 1):

- não se limita a um único tipo de sinais, analisando fenômenos do que poderíamos chamar “multimodal translanguaging” (MELO-PFEIFER; CHIK, 2020) e sinestético nos espaços públicos e privados;
- não analisa só os sinais, mas também quem os cria, quem os coloca na paisagem, quem os lê, quem os adultera e transgride;
- analisa a manipulação, consciente ou não, das PL, de forma a resitir ou confirmar padrões de prestígio e de hierarquias linguísticas;
- considera a forma como as PL espelham ou não a demografia linguística, o uso das línguas, a política linguística e as atitudes dos cidadãos.

Não obstante este interesse da Sociolinguística pelas PL, Pennycook, Morgan e Kubota consideram que “the benefits of LL research as an accessible pedagogical strategy should also be appreciated” (2013, p. ix; SEALS; NIEDT, 2020). É neste contexto que consideraremos o crescente interesse da Língua Aplicada, em geral, e da Didática de Línguas, mais particularmente, pelo uso de PL em contextos educativos. Janíková (2018) situa o interesse pelas PL em Didática no “visual turn” que a disciplina atravessa (veja-se KALAJA; MELO-PFEIFER, 2019) e no crescente interesse disciplinar pelo desenvolvimento da consciência linguística e cultural, da competência estética e da literacia visual dos alunos.

Nas palavras de Hélot, Jannseens, Barni e Bagna,

learning to read the LL can be used as a means to understand power relationships between languages and literacies within society and to drive the attention of teachers who will necessarily operate in multilingual and multicultural schools not only to the material world of signs, but also to the symbolic meaning communicated by them (2012, p. 22).

Este é o objeto de investigação de Clemente, Andrade e Martins (2012). Dagenais, Moore, Sabatier, Lamarre e Armand (2009) investigam como o recurso a PL pode contribuir para o desenvolvimento da consciência linguística dos alunos, através de um trabalho pedagógico em sala de aula. Em 2013, Dagenais, Moore e Sabatier e Caillis-Bonnet propõem a didatização e curricularização das PL. Por exemplo Dagenais, Moore e Sabatier (2013), trabalhando em cenários imersivos no Canadá, usam as PL de forma a desenvolver: i) uma perspectiva ecológica das línguas, do nível individual e familiar, até ao nível comunitário, nacional e mundial; ii) uma consciencialização valorizante dos repertórios plurilingues individuais e dos recursos multilingues sociais; iii) sinergias entre as línguas curriculares, designadamente as de ensino e as línguas estrangeiras, e as restantes línguas do tecido social e dos repertórios plurilingues dos alunos (2012, p. 28). Mais recentemente, Elola e Prada reconhecem, no seu estudo sobre o uso de PL em aula de Espanhol nos Estados Unidos, na região do Texas, partindo de uma abordagem “investigação-ação”, que “LL-based pedagogies may provide students with a toolkit to enhance their sociolinguistic awareness, develop a critical perspective on local/community languages in their area, and how these languages co-exist alongside official/majority languages” (no prelo). O estudo baseou-se na colaboração entre alunos de espanhol, com dois perfis: aprendentes da língua e falantes de herança.

Para além destes usos, que poderiam ser designados como pertencentes à esfera das abordagens plurais no ensino (geralmente do “Éveil aux Langues”; ver Candelier *et al.*, 2007), visando o desenvolvimento da competência plurilingue e intercultural, outros estudos desenvolvidos com PL usam-nas como inputs adicionais na língua-alvo (CENOZ; GORTER, 2008), devido ao seu potencial como “rich learning environment” (BALLWEG, 2018). Por exemplo, Lisek (2018) explora, em contexto alemão, o uso da PL relativa à presença do Polaco, como material autêntico para favorecer a aprendizagem desta língua em contextos académicos e não académicos, analisando a

resposta de professores e de alunos ao uso de PL em sala de aula. De acordo com estes estudos, há quatro esferas de atuação didática em que o recurso às PL pode favorecer a aprendizagem da língua-alvo, quer estrangeira, quer segunda⁷: aprendizagem de elementos linguísticos, ainda que acidental; desenvolvimento de competências pragmáticas; desenvolvimento de literacias multimodais; e desenvolvimento de competências em várias línguas.

Melo-Pfeifer e Silva (no prelo) categorizam três usos da PL em sala de aula, de acordo com o foco linguístico desse recurso:

- foco plurilingue: a PL serve para conscientizar os aprendentes para a diversidade linguística e cultural da sua área de residência, região ou país e para questões como equidade, resiliência e manutenção linguística ou luta de línguas;
- foco monolingue: o uso de PL serve para analisar o estatuto, papel ou situação de uma determinada língua numa paisagem sociodemográfica e multilingue específica, destacando, por exemplo, em que setores da vida económica está mais presente ou em que a sua vitalidade mais se destaca; poderá ainda servir para potenciar, ainda que acidentalmente, a aprendizagem da língua, a nível lexical e pragmático;
- foco misto: o recurso a PL como objeto pedagógico-didático serve os dois focus anteriores.

De acordo com as mesmas autoras, o recurso à PL em sala de aula potencia a compreensão das sinergias entre contextos formais e informais (extra-escolares) de aprendizagem e uso de línguas (veja-se, neste número, o estudo de CARINHAS;

⁷ O estudo de Ballweg (2018) analisa particularmente as estratégias de descodificação da paisagem linguística plurilingue alemã por imigrantes recém-chegados, sugerindo estratégias para facilitar a sua perceção por este público específico e, assim, facilitar a aprendizagem do Alemão como L2 (ou *Deutsch als Zweitsprache*).

ARAÚJO e SÁ; MOORE), possibilitando “um contacto mais autêntico e menos escolarizado com a designada “língua-alvo” ou com a diversidade linguística” (MELO-PFEIFER; SILVA, no prelo; SEALS; NIEDT, 2020).

Recentemente e ainda em curso, o projeto “LoCALL - LOcal Linguistic Landscapes for global language education in the school context” (ver nota de rodapé 1) toma as PL como recurso pedagógico em sala de aula, partindo das experiências dos alunos, e como instrumento de formação de professores para trabalharem com a diversidade linguística e cultural em sala de aula.

4 O estudo das PL em contexto brasileiro: um estado da arte

Como pudemos evidenciar, lidar com PL, por assim dizer, é sempre procurar reconhecer cercas (in)visíveis que traduzem o jogo instaurado. Foi o que fizeram alguns linguistas brasileiros que se dispuseram a investigar heranças culturais imateriais, tais como as inscrições urbanas visíveis nas ruas sob variadas formas. A Academia tem-se mantido atenta a esses registros, mas, no Brasil pelo menos, grande parte da produção ainda se mantém alinhada a modelos teóricos de base mais estruturalista e menos ecológica, o que favorece a apreensão bastante fragmentada das dinâmicas dessas paisagens.

A despeito disso, é possível identificar estudos sobre PL, alguns dos quais vinculados a outras áreas de estudos que não a da PL também. Começaremos por estes. Todos reclamam um espaço reflexivo mais transversal, o que concederia aos autores um lugar privilegiado de análise, dado que inovaria o método e ampliaria as perspectivas das abordagens tradicionais. É o que vemos com o estudo das inscrições urbanas, em que Correa (2016), reclamando espaço na Semiótica, denuncia certa insatisfação quanto aos limites de abordagens desses ricos materiais impressos nos muros da cidade:

Portanto, as inscrições urbanas trazem à teoria semiótica uma reflexão a respeito da transcendência e imanência, já prevista nos prolegômenos de Hjelmslev (2006). [...] **Acreditamos que os métodos de análise utilizados podem e devem ser questionados, porém, a necessidade de uma análise transversal capaz de lidar com essa interdependência, essencial à produção de sentido, tenha se efetivado pela investigação das inscrições urbanas.** A ciência sobre o sentido deve manter suas premissas teóricas, sem que estas se sobreponham em detrimento das estruturas de seu próprio objeto: o sentido. (CORREIA, 2016, p. 200, destaque nosso)

É de conhecimento geral que o Brasil se constitui, como todo território que foi alvo de disputa colonizadora, como grande manta de retalhos em que as PL se entrecruzam. Algumas dessas paisagens revelam a convivência de socioculturas, enquanto outras conseguem manter uma sumptuosa diversidade cultural afastada do coletivo. E é nessa senda que a Academia tem contribuído largamente, pois os investigadores emanam dessa mesma diversidade e trazem novos olhares e oxigenam as reflexões que se reverberam na sociedade. Esse colorido da paisagem, derivada da mobilidade de povos que trazem consigo a sua cultura material e imaterial, tem sido, ao longo dos desenvolvimentos linguísticos, objeto de reflexão em áreas diversas, dentre as quais se destaca a Sociolinguística, a Lexicologia e a Onomástica, áreas que o presente número temático também aborda.

A dissertação de mestrado de Lucas (2019), que participa neste número, é uma tentativa de deslocamento metodológico de uma autora que tem como berço teórico a Onomástica com contribuições da Sociolinguística, a partir do que prioriza o estudo dos itens lexicais, já não mais descolados da Paisagem. É desse lugar que ela parte para analisar a dinâmica estabelecida entre as línguas que convivem na cidade de Naranjal (Paraguai), berço de dinâmicas instauradas conjuntamente pelo Português, pelo Espanhol e pelo Guarani. No entanto, ao tomar como objeto as placas com topônimos comerciais, distingue a língua espanhola como maioritária, mas não porque os donos do comércio quisessem homenagear a sua língua, mas porque buscavam os falantes

de Espanhol como seus clientes. Para além desses contextos específicos, ainda que mais recorrentes, notou que, em menor número, havia também os nomes portugueses e os híbridos. Com esses dados e considerando a dinâmica sociolinguística, a autora constatou: (i) haver uma relação fina entre o ato de nomear, a identidade e a cultura na decisão para a nomeação; e (ii) uma despreferência pela língua local, o Guarani. A riqueza do convívio interpessoal no ambiente comercial não se traduz, no entanto, na convivência das três línguas, já que o Guarani sofre intenso apagamento em circunstâncias diversas. Isso quer dizer que a língua da terra é a que mais está ameaçada no seu próprio território, sendo necessárias ações urgentes de políticas (linguísticas) públicas no campo educacional para reativar o seu prestígio ou, pelo menos, manter a sua presença no território original.

Utilizando semelhante objeto de reflexão, porém com vinculação à Sociologia do Discurso, Souza (2019, p. 1371) analisa os efeitos da materialidade linguística trilingue (inglês, espanhol e português) no campus de uma Universidade. Dada a comunidade circundante de argentinos, a língua espanhola é mantida inclusivamente no currículo escolar como disciplina obrigatória, daí seu efeito

glotopolítico de valorização dessas práticas no contexto educacional brasileiro, além de engrossar o caldo das discussões que nos ajudam a compreender como ações dessa envergadura conferem valor substancial ao processo de fortalecimento de práticas de internacionalização, a partir de uma perspectiva contra-hegemônica, que reconheça o papel de outras LAs [línguas adicionais] no bojo desse processo (SOUZA, 2019, p. 1369).

O interessante é que os desdobramentos em si foram pouco explorados, talvez justamente pelos limites do arcabouço teórico-metodológico adotado. Muito ainda está por ser feito no campo das PL, o que, numa perspectiva dinâmica e interdisciplinar, nos pode conduzir a reflexões mais profundas acerca das relações presentes nas comunidades envolvidas. Tentativas semelhantes de compreender contextos em que

línguas/culturas convivem num mesmo espaço foram empreendidas no campo das Línguas em Contato (STURZA; TATSCH, 2016).

Um segundo grupo de trabalhos que desenha essa rota Onomástica > PL foi realizado por Teis, Seide e Lucas (2018), numa aproximação às teorias afetas aos estudos das PL. Com esse olhar, visitam o bairro de Vila Zelina, na zona Leste de São Paulo, e deparam-se, pouco a pouco, com uma realidade encoberta pela história de imigração de russos e lituanos no século passado. O património histórico arquitetónico foi uma das primeiras evidências encontradas por meio da igreja ortodoxa e também da católica ali erigidas, remetendo para a materialidade do multilinguismo a que antes aludimos. Concebem como fruto dessa PL tanto os elementos da toponímia como os históricos, recorrendo, conseqüentemente, aos estudos sociais e históricos sobre a organização das populações no Brasil para o seu estudo. Trata-se de uma abordagem bastante interessante, especialmente porque essas comunidades viviam justapostas, ou seja, cada qual com seus hábitos e costumes em separado, embora dividindo espaços de serviços no bairro. Outra evidência para além da arquitetónica, foi a identificação de corotopónímias, nomes que homenageiam nomes já marcados no país de origem. Assim, as autoras consubstanciam uma estreita cooperação entre Geografia, História e Linguística, áreas que encontram um lugar interdisciplinar para as suas reflexões, o das PL.

São variados os estudos que reclamam metodologias que promovam abordagens mais globais dos fatos estudados, ou como queria Geertz, um caminho que integre o que está na origem do fato integrado, fazendo com que “o ‘sentido’, a ‘identidade’, o ‘poder’ e a ‘experiência’ [se mantenham] inextricavelmente emaranhados” (GEERTZ, 2001, p. 164). Ao rastrear as pesquisas que compartilham pressupostos dos estudos acerca das PL, notamos um salto nas reflexões, o que nos permitiu pensar em criar um retrato dessa dinâmica neste volume. Basta visitarmos este conjunto de estudos para termos uma clara visão de uma terceira onda de

aproximação aos complexos contextos sociais. Os autores reconhecem que o novo campo é pouco difundido no Brasil, razão pela qual apresentam conceituações similares ao que Berger e Lecheta fazem:

O campo da PL (doravante PL) visa analisar a forma como as línguas se fazem presentes nos espaços de convívio social, sejam públicos ou privados, com vistas a depreender como se manifestam as relações de poder entre elas (ecologia das línguas) em espaços de visibilidade, bem como identificar políticas linguísticas (implícitas ou explícitas) que culminam na exposição ou marginalização de línguas (e mensagens nessas línguas) em dado território. (BERGER; LECHETA, 2019, p. 397)

O Quadro 2 apresenta uma síntese das áreas que têm sido mobilizadas como referências teóricas nos estudos que se identificam como pertencendo ao ramo das PL, no Brasil, explicitando ainda os autores mais designados nesta área a nível internacional.

Quadro 2 -- Interação de abordagens nos Estudos de Paisagens Linguística no Brasil⁸.

Autor	PL	Áreas associadas
Berger, Lecheta (2019)	Ben-Rafael, Shohamy, Amara, Trumper-Hecht (2006) Gorter (2006) Landry, Bourhis (1997) Shohamy (2006) Shohamy, Gorter (2009) Spolsky (2009)	Relações de Poder: Foucault (1979, 1995, 2010, 2014) Geografia da Visibilidade: Gomes (2013)
Silva, Santos, Jung (2016)	Blommaert (2012, 2014) Cenoz, Gorter (2008)	Política linguística: Hamel, 1993; Calvet, 2007; Maher (2007, 2008, 2013) Superdiversidade: Blommaert; Rampton, (2011) Vertovec (2007)

⁸ Ver anexo 1 para os estudos citados pelos autores incluídos neste quadro-síntese, oferecendo um panorama mais completo dos referenciais teóricos envolvidos.

Soares, Lombardi, Salgado (2016)	Coulmans (2009) Shohamy, Gorter (2009) Pennycook (2009) Pennycook, Otsuji (2014) Shohamy, Ben-Rafael, Barni (2010)	Superdiversidade e globalização Blommaert (2010, 2012, 2013) Vertovec (2006) Blommaert; Backus(2013) Blommaert; Rampton (2011) Etnolinguística: Benor (2010) Erickson (1986) Hammersley; Atkinson (1983)
Batista (2015)	Blommaert (2013) Blommaert, Maly (2010, 2012, 2014)	Etnometodologia conversacional: Marcuschi (2007) Superdiversidade: Blommaert & Collins (2005) Blommaert (2010) Rampton (2006) Sociolinguística: Silverstein (2003)
Dalla Vecchia (2016)	Blommaert (2006, 2010, 2012) Blommaert, Maly (2014) Shohamy (2012)	Estudos pluríngues: Maher (1996, 2010, 2013) Assis-Peterson (2008) Vertovec (2007)
Dalla Vecchia, Jung (2016)	Blommaert (2013) Shohamy (2012)	Superdiversidade: Vertovec (2007) Blommaert, Rampton (2011) Moita-Lopes (2013)

4 Apresentação do volume

Aquando da formulação da proposta deste número especial, dedicado ao tema das PL como manifestações de políticas, ideologias e práticas alusivas às línguas, seus estatutos, funções e papéis, pretendíamos recolher investigações teóricas, empíricas e/ou metodológicas acerca dessa temática, em contextos de língua (co)oficial portuguesa ou espaços de contato com estes contextos (ex. em regiões

transfronteiriças). Partindo do princípio de que a presença e apresentação das línguas não são neutras, mas, antes, significativas e não aleatórias, pretendíamos compilar estudos que analisassem e problematizassem a forma como as línguas são corporizadas, objetificadas e representadas em diferentes espaços: familiares, escolares e públicos, em geral. Assim, o presente número recolheu estudos que analisam a presença multimodal das línguas em diferentes espaços, privados e familiares ou públicos, de escolaridade formal, informal ou não-formal, monolíngues ou plurilíngue.

As questões de investigação que orientaram a organização deste número temático são as seguintes:

- Que línguas aparecem (ou não aparecem) representadas em diferentes espaços sociais? Há uma relação entre essa representação das línguas e a sua representatividade social e geográfica?
- Como são representadas e apreendidas as relações entre línguas e seus falantes nos espaços familiares, escolares e sociais mais alargados? Que ideologias linguísticas podem explicar essas representações?
- Que políticas linguísticas, designadamente educativas, são expressas através das PL?

O presente número poderia ser dividido em três partes, considerando as temáticas cobertas pelas diferentes contribuições: PL e educação, com os textos de Carinhas, Araújo e Sá e Moore e de Padim, em contexto uruguaio e cabo-verdiano, respetivamente. Seguem-se os estudos de Marcelo Bueno (em São Paulo), Batista e Pinto (em Anápolis-GO e numa comunidade quilombola, a do povo Kalumba) e de Albuquerque e Almeida (em Dili, Timor Leste), que dão conta das PL em contextos marcados pela mobilidade (forçada ou não), contribuindo para a co-presença de diferentes línguas na paisagem visual. As questões das PL onomásticas e toponímicas

são o objeto do terceiro grupo de estudos, de Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (em torno das lápides de um cemitério transfonteiriço) e de Lucas e Seide (alusivo ao estudo de nomes de estabelecimentos comerciais no Paraguai). Estes artigos são originais em vários sentidos e trazem desenvolvimentos ao estudo das PL, designadamente ao

- preconizarem o valor dos espaços públicos como espaços de educação linguística não-formal e informal e de educação intercultural e não apenas como espaços simbólicos de presença de línguas e de lutas por visibilidade linguística;
- alargarem os contextos estudados, incluindo, mas indo além de PL urbanas, e não as estudando como extremidades de dois polos opostos, mas como um contínuo;
- incluírem comunidades pouco estudadas em termos das suas PL, como o caso da comunidade quilombola estudada;
- mostrarem o valor dos estudos toponímicos e onomásticos para a área dos estudos das PL.

6 Síntese e perspectivas futuras de investigação

A presente introdução ofereceu um panorama geral dos estudos acerca de PL, em duas disciplinas principais, a Sociolinguística e a Didática de Línguas, tendo feito igualmente uma aproximação aos estudos desenvolvidos em contexto brasileiro. Para além da conclusão óbvia de que ainda há muitos contextos a serem estudados, sobretudo porque as temáticas em torno das PL não deixam de aparecer (homescapes, schoolscares, foodscapes, netscares, sensescares etc.), e de que há muitos contextos de contacto linguístico que necessitariam ser analisados para dar conta das dinâmicas desses contactos, parece-nos relevante, para terminar a apresentação da temática do presente número da Domínios de Lingu@gem, reflectir acerca de alguns desafios

metodológicos que poderão ser considerados num campo que não deixa de se expandir em termos conceptuais. Assim,

- se as PL se assumirem como objeto de estudo multimodal, como definir a unidade de análise? Como estudar o diálogo de diferentes modos? Como trazer para a produção científica, de forma sistemática, esta análise multimodal? Como mostrar e preservar esta interação de modos de produção e de construção de sentido?
- se as PL se assumirem como objetos de estudo plurilingues, à luz de conceitos como “translanguaging”, como identificar e contar línguas, sobretudo em cenários em que a criatividade linguística e a transgressão tornam impossível associar palavras e expressões a (apenas) uma língua?
- se as PL se assumirem como parte integrante de “sensescapes”, como analisar esta sua dimensão multisensorial? E como trazer para a análise, para o leitor, estas dimensões, se mediadas pelo uso da linguagem? Ou seja, como escapar ao paradoxo do “império da linguagem” nos estudos que reconhecem outros modos de construir a realidade e outros sentidos na sua apreensão?

Outra questão que poderemos colocar é a própria definição de PL: até onde poderá ir o alargamento da noção, sem que perca a sua especificidade enquanto objeto de investigação? E finalmente, sabendo que toda a produção semiótica, em geral, e linguística, em particular, é situada no tempo e no espaço, como não descontextualizar os sinais que analisamos, reservando os traços da sua produção, circulação e, quem sabe, do seu desaparecimento?

Sílvia Melo-Pfeifer (Universidade de Hamburgo).
silvia.melo-pfeifer@uni-hamburg.de

Maria Célia Lima-Hernandes (Universidade de São Paulo/CNPq/FAPESP).
mceliah@usp.br

Referências

ANDROUTSOPOULOS, J. Linguistic Landscape-Forschung mit dem Smartphone: Möglichkeiten und Grenzen der Webapplikation LinguaSnappHamburg. *In*: ZIEGLER, E.; MARTEN, H. F. (ed.). **Linguistic Landscapes im deutschsprachigen Kontext**. Frankfurt a. Main: Peter Lang, 2020.

ARONIN, L.; Ó LAOIRE, M. The material culture of multilingualism. *In*: GORTER, D.; MARTEN, H.; VAN MENSEL, L. (ed.). **Minority Languages in the Linguistic Landscape**. Hampshire: Palgrave, 2012, p. 299-318. DOI https://doi.org/10.1057/9780230360235_17

AUER, P. Sprachliche Landschaften. Die Strukturierung des öffentlichen Raums durch die geschriebene Sprache. *In*: DEPPERMAN, A.; LINKE, A. (ed.). **Sprache intermedial. Stimme und Schrift, Bild und Ton**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010, p. 271-298. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110223613.271>

AZZARI, E. F. Mobilidade, Paisagens Digitais e Práticas (Trans)Linguísticas. **The Specialist**, v. 39, n. 2, p. 1-15, 2018. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/esp>. Acesso em: 23 jun. 2020. DOI [10.23925/2318-7115.2018v39i2a6](https://doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i2a6)

BACKHAUS, P. **Linguistic landscapes**. A Comparative Study of Urban Multilingualism in Tokio. Clevedon: Multilingual Matters, 2007. DOI <https://doi.org/10.21832/9781853599484>

BALLWEG, S. Alltagsstrategien zur Rezeption einer Linguistic Landscape und erste Überlegungen zur Förderung im Unterricht. *In*: BADSTÜBNER-KIZIK, C.; JANÍKOVÁ, V. (ed.). **Linguistic Landscape und Fremdsprachendidaktik**. Berlin: Peter Lang, 2018, 297-324.

BATISTA, Th. E. P. **Globalização em Paisagens Linguísticas e usos de marcadores discursivos**: policentricidade, escalas e metapragmática nas práticas linguísticas de jovens urbanos e quilombolas. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2015.

BENSON, P. **Linguistic Landscapes 1: Theory and methods**. Multilingual Sydney Working Papers 2. Sydney: Macquarie University, 2019. Disponível em: <https://www.multilingualsydney.org/>

BENSON, P.; CLARKE, N.; HISAMUDDIN, H.; MCINTYRE, A. **Linguistic Landscapes 2: The linguistic landscapes of suburban Sydney**. Multilingual Sydney

Working Papers 3. Sydney: Macquarie University, 2019. Disponível em: <https://www.multilingualsydney.org/>.

BLOMMAERT, J. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes. Chronicles of Complexity.** Bristol: Multilingual Matters, 2013. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419>

CAILLIS-BONNET, F. Exploiter le paysage linguistique dans le cadre des programmes scolaires: exemple d'une école bilingue de Perpignan (Catalogne-Nord / Roussillon). In: CORTIER, C.; CAVALLI, M. (ed). **Langues régionales/minoritaires dans l'éducation bi-/plurilingue.** Langues d'ici, langues d'ailleurs. ECML: Graz, 2013. p. 29-33.

CANDELIER, M. (coord.); CAMILLERI-GRIMA, A.; CASTELLOTTI, V.; DE PIETRO, J.-F.; LÖRINCZ, I.; MEISSNER, F.-J.; SCHRÖDER-SURA, A.; NOGUEROL, A. **Framework of reference for pluralistic approaches to languages and cultures.** Graz: Conseil de l'Europe, 2007.

CARVALHO, R.; MARQUES, T. A evolução do conceito de paisagem cultural. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**. N. 16 (março), p. 81-98, 2019. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território. DOI <https://doi.org/10.17127/got/2019.16.004>

CENOZ, J.; GORTER, D. The linguistic landscape as an additional source of input in second language acquisition. **IRAL**, n. 46, p. 267-287, 2008. DOI <https://doi.org/10.1515/IRAL.2008.012>

CENOZ, J.; GORTER, D. Linguistic Landscape and minority languages. **International Journal of Multilingualism**, v. 3, n. 1, p. 67-80, 2006. Disponível em: <http://depot.knaw.nl/2985/1/20871.pdf>. DOI <https://doi.org/10.1080/14790710608668386>

CHIK, A.; BENSON, Ph. **Exploring the Linguistic landscape of Sydney:** Digital and physical challenges. Webinar LoCALL project.

CLEMENTE, M.; ANDRADE, A. I.; MARTINS, F. Learning To Read The World, Learning To Look At The Linguistic Landscape: A Study In The First Years Of Formal Education. In: HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS R.; BAGNA, C. (Eds.). **Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change.** Bern: Peter Lang, 2012. p. 267-285.

CORREA, T. M. **Inscrições urbanas**: abordagem semiótica. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.

DAGENAIS, D.; MOORE, D.; SABATIER, C. Lire la ville. Exploiter le paysage linguistique pour une approche plurilingue intégrée. *In*: CORTIER, C.; CAVALLI, M. (Eds.). **Langues régionales/minoritaires dans l'éducation bi-/plurilingue**. Langues d'ici, langues d'ailleurs. ECML: Graz, 2012, p. 25-28.

DAGENAIS, D.; MOORE, D.; SABATIER, C.; LAMARRE, P. ; ARMAND, F. Linguistic Landscapes and Language Awareness. *In*: SHOHAMY, E. G.; GORTER, D. (ed.). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. London: Routledge, 2009. Disponível em: <http://lerc.educ.ubc.ca/fac/norton/Dagenais%20et%20a%20LLandscape.pdf>

DALLA VECCHIA, A. Paisagem Linguística como instrumento de políticas linguísticas em uma colônia de imigração suábica/alemã. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 638-650, 2016. DOI <https://doi.org/10.21165/el.v45i2.652>

DALLA VECCHIA, A.; JUNG, N. M. Paisagem Linguística em um contexto suábico-brasileiro: mobilidade e representação de uma comunidade "germânica". **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 40, p. 115-128, Jan./Jun 2016. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i40.1021>

DRESSLER, R. Seingeits: promoting bilingualism through the linguistic landscape of school signage. **International Journal of Multilingualism**, v. 12, n.1, p. 128-145, 2015. DOI <https://doi.org/10.1080/14790718.2014.912282>

DUNLEVY, D. Linguistic policy and linguistic choice: a study of the Galician linguistic landscape. *In*: HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS R.; BAGNA, C. (ed.). **Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change**. Bern: Peter Lang, 2012. p. 53-68.

ELOLA, I.; PRADA, J. Developing critical sociolinguistic awareness through linguistic landscapes in a mixed classroom: the case of Spanish in Texas. *In*: MALINOWSKI, D.; MAXIM, H.; DUBREIL, S. (ed.). **Language Teaching in the Linguistic Landscape: Mobilizing Pedagogy in Public Space**. Springer, forthcoming 2020.

FIGUEIREDO, A. R.; PIRES, C. L. Z.; HEIDRICH, A. L. Geografismos e cultura popular. **Mercator**, Fortaleza, v. 17, 17013, 2018. DOI <https://doi.org/10.4215/rm2018.e17013>

GEERTZ, C. O beliscão do destino: a religião como experiência, sentido, identidade e poder. *In: GEERTZ, C. Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 149-165.

GIVÓN, T. **Context as Other Minds** - The Pragmatics of Sociality, Cognition and Communication. Amsterdam: John Benjamins, 2005. DOI <https://doi.org/10.1075/z.130>

GOMES, M.; RUCHKYS, Ú. de A.; FERREIRA, R. L.; GOULART, F. F. Landscape Fragmentation around Ferruginous Caves of the Iron Quadrangle, Minas Gerais, Brazil. **Cuadernos de Geografia** – Revista colombiana de Geografia. vol. 28, n. 1, p. 89-101, ene./jun. 2019. DOI <https://doi.org/10.15446/rcdg.v28n1.67506>

GORTER, D. Introduction: the Study of the Linguistic Landscape as a New Approach to Multilingualism. **International Journal of Multilingualism**, v. 3, n.1, p. 1-6, 2006. Disponível em: <http://depot.knaw.nl/2984/1/20870.pdf>. DOI <https://doi.org/10.21832/9781853599170-001>

GORTER, D. (ed). **Linguistic Landscape: A New Approach to Multilingualism**. Clevedon: Multilingual Matters, 2006. DOI <https://doi.org/10.21832/9781853599170>

HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS, R.; BAGNA, C. Introduction. *In: HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS R.; BAGNA, C. (ed.). Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change*. Bern: Peter Lang, 2012. p. 17-24. DOI <https://doi.org/10.3726/978-3-653-02576-7>

HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS, R.; BAGNA, C. (ed.). **Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change**. Bern: Peter Lang, 2012. DOI <https://doi.org/10.3726/978-3-653-02576-7>

JANÍKOVÁ, V. Linguistic Landscapes aus fremdsprachendidaktischer Perspektive. *In: BADSTÜBNER-KIZIK, C.; JANÍKOVÁ, V. (ed.). Linguistic Landscape und Fremdsprachendidaktik*. Berlin: Peter Lang, 2018. 137-172.

KALAJA, P.; MELO-PFEIFER, S. **Visualising multilingual lives**. More than words. Bristol: Multilingual Matters, 2019. DOI <https://doi.org/10.21832/9781788922616>

KROMPÁK, E. Linguistic Landscape im Unterricht. Das didaktische Potenzial eines soziolinguistischen Forschungsfelds. **Beiträge zur Lehrerinnen- und Lehrerbildung**, v. 36, n.2, p. 246-261, 2018.

LISEK, G. Linguistic landscapes und Fremdsprachendidaktik? Bestandsaufnahme zum universitären und außeruniversitären Polnischunterricht in Deutschland. *In: BADSTÜBNER-KIZIK, C.; JANÍKOVÁ, V. (ed.). Linguistic Landscape und Fremdsprachendidaktik.* Berlin: Peter Lang, 2018, 243-296.

LUCAS, P. Estudo toponímico sobre um município paraguaio colonizado por brasileiros: a PL de Naranjal - Paraguai. *CiFEFiL Revista Philologus*, Rio de Janeiro, Ano 25, n° 74, p. 173-187, maio/ago, 2019.

MARTEN, H.; VAN MENDEL, L.; GORTER, D. Studying minority languages in the linguistic landscape. *In: GORTER, D.; MARTEN, H.; VAN MENDEL, L. (ed.). Minority Languages in the linguistic landscapes.* Hampshire: Palgrave Macmillan, 2012. p. 1-15. DOI https://doi.org/10.1057/9780230360235_1

MELO-PFEIFER, S. Linguistic Landscapes in the Home: Multilingual Children's Toys, Books and Games. *In: STAVANS, A.; JESSNER, U. (ed.). The Cambridge Handbook of Childhood Multilingualism.* Cambridge: Cambridge University Press, no prelo.

MELO-PFEIFER, S.; CHIK, A. Multimodal linguistic biographies of prospective foreign language teachers in Germany: reconstructing beliefs about languages and multilingual language learning in initial teacher education. *International Journal of Multilingualism*, 2020. DOI <https://doi.org/10.1080/14790718.2020.1753748>

MELO-PFEIFER, S.; SILVA, F. Potencial didático da PL no ensino-aprendizagem do português: um estudo da PL do "Portugiesenviertel" de Hamburgo. *In: DOMINIQUE, N.; SOUZA NETO, M. (ed.). Microgeopolítica da língua portuguesa: ações, desafios e perspectivas.* Boavista Press, no prelo.

PARAGUAI, L. Sensescape - narrativas flutuantes. Dossiê Membranas: Intersecções Entre Arte, Ciência e Tecnologia. *ARS*, v. 17, n. 35, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.152455>

PAVLENKO, A. (ed.). *Multilingualism in post-Soviet countries.* Clevedon: Multilingual Matters, 2008. DOI <https://doi.org/10.21832/9781847690883>

PENNYCOOK, A.; MORGAN, B.; KUBOTA, R. Series Editors' Preface. *In: BLOMMAERT, J. Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes. Chronicles of Complexity.* Bristol: Multilingual Matters, 2013. p. ix-xii. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419-002>

PÜTZ, M.; MUNDT, N. (ed.). **Expanding the linguistic landscape**. Bristol: Multilingual Matters, 2019. DOI <https://doi.org/10.21832/PUTZ2159>

SALDI, L.; MAFFERRA, L.; SALINAS, J. A. B. Ontologías en disputa. Diálogos entre la antropología y la arqueología para la problematización de paisajes regionales. **Antípoda**. Revista de Antropología y Arqueología, n. 37, p. 3-26, 2019. DOI <https://doi.org/10.7440/antipoda37.2019.01>

SCARVAGLIERI, C.; REDDER, A.; PAPPENHAGEN, R.; BREHMER, B. Capturing diversity. Linguistic land- and soundscaping. *In*: DUARTE, J.; GOGOLIN, I. (ed.). **Linguistic Superdiversity in Urban Areas: Research approaches**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 45-74. DOI <https://doi.org/10.1075/hslid.2.05sca>

SHOHAMY, E. G.; GORTER, D. Introduction. *In*: SHOHAMY, E.; GORTER, D. (ed.). **Linguistic landscape: expanding the scenery**. London: Routledge, 2009. p. 1-10. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203930960>

SHOHAMY, E. G.; GORTER, D. **Linguistic landscape: expanding the scenery**. London: Routledge, 2009. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203930960>

SHOHAMY, E. G.; WAKSMAN, S. Talking back to the Tel Aviv Centennial: LL responses to top-down agendas. *In*: HÉLOT, Ch.; BARNI, M.; JANSSENS R.; BAGNA, C. (ed.). **Linguistic Landscapes, Multilingualism and Social Change**. Bern: Peter Lang, 2012, p. 109-125.

SILVA, R. A.; PEREIRA, J. A. A.; ALVES, S. F. N. da S. C. The Landscapes from Ouro Preto, Minas Gerais state: decoding in space and Time. **Ornamental Horticulture**, v. 25, N. 1, p. 9-17.7, 2019. DOI <https://doi.org/10.14295/oh.v25i1.1240>

SILVA, I. da; SANTOS, M.E. P.; JUNG, N. M. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n.4, p. 1257-1277, out./dez. 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/DL27-v10n4a2016-4>

SOARES, M. S.; LOMBARDI, R. S.; SALGADO, A. C. P. Paisagem Linguística e repertórios em tempos de diversidade: uma situação em perspectiva. **Caleidoscópio**, v. 14, n. 2, p. 209-218, mai/ago 2016. DOI <https://doi.org/10.4013/cld.2016.142.03>

SOUZA, C. F. de. Práticas de linguagem no contexto de internacionalização em um instituto federal: placas de sinalização e seus efeitos glotopolíticos. **Trabalhos de**

Linguística Aplicada, Campinas/Unicamp, v. 58, n. 3, p. 1353-1374, set./dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/010318138654420472341>

SPOLSKY, B.; COOPER, R. **The Languages of Jerusalem**. Oxford: Clarendon Press, 1991.

STURZA, E. R.; TATSCH, J. A fronteira e as línguas em contato: uma perspectiva de abordagem. Dossiê: Línguas e culturas em contato. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 53, p. 83-98, 2016.

TEIS, D. T.; SEIDE, M. S.; LUCAS, P. The toponyms in the linguistic landscape of av. Zelina, in São Paulo: a meeting in interdisciplinarity. **Revista do GELNE**, v. 20, número 2, p. 16-29, 2018. DOI <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2018v20n2ID14089>

TORRES, N. P. Nem anônimas, nem invisíveis: cidades e mulheres escritoras de graffiti. **Horiz. Antropol**, Porto Alegre, ano 25, n. 55, p. 243-262, set./dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000300009>

ZANELLA, A. V.; MATTOS, L. K. de; ASSIS, N. de. Crianças cegas e seus encontros com a cidade: paisagem sonora e educação musical em foco. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 39, n. 107, p. 87-98, jan.-abr., 2019. DOI <https://doi.org/10.1590/cc0101-32622019213253>

Anexo 1 – Referências bibliográficos dos autores incluídos no Quadro 2.

Bibliografia de Berger e Lecheta (2019)

BEN-RAFAEL, E.; SHOHAMY, E.; AMARA, M. H.; TRUMPER-HECHT, N. Linguistic Landscape as Symbolic Construction of the Public Space: The case of Israel. In: GORTER, D. (org.) **Linguistic Landscape: A New Approach to Multilingualism**. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2006. p. 7-30. DOI <https://doi.org/10.21832/9781853599170-002>

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975 – 1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão – 2a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 21a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (ed.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar: elementos para uma Geografia da Visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GORTER, D. **Linguistic Landscape: A New Approach to Multilingualism**. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2006. DOI <https://doi.org/10.21832/9781853599170>

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 16, n. 1, p. 23-49, March 1997. DOI <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**, v.16, no. 1, p. 23-49, March 1997. DOI <https://doi.org/10.1177/0261927X970161002>

SHOHAMY, E. Language in public space. *In*: SHOHAMY, E. **Language Policy: hidden agendas and new approaches**. New York: Routledge, 2006. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203387962>

SHOHAMY, E.; GORTER, D. **Linguistic Landscape: Expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203930960>

SPOLSKY, B. **Language Management**. UK: Cambridge University Press, 2009. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511626470>

Bibliografia de Silva, Santos e Jung (2016)

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**, v. 13, n. 2, p. 1-21, 2011.

BLOMMAERT, J. **Ethnography, Super-diversity and Linguistic Landscapes**, 2012. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419>

BLOMMAERT, J.; MALY, I. **Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study**, 2014.

CENOZ, J.; GORTER, D. **El estudio del paisaje lingüístico**, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11245/1.293687>.

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (org.) **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

MAHER, T. M. Em busca de conforto linguístico e metodológico no Acre indígena. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n.2, 409-428, jul./dez, 2008. DOI <https://doi.org/10.1590/s0103-18132008000200009>

MAHER, T. M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. *et al.* (org.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 117-134.

HAMEL, R. E. Políticas y planificación del lenguaje: una introducción. Políticas del lenguaje en América latina. **Iztapalapa**, n. 29, p. 5-39, 1993.

CALVET, L. **As políticas linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SOUSA SANTOS, B. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, 30(6), p. 1024-1054, 2007. DOI <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

Bibliografia de Soares, Lombardi e Salgado (2016)

BENOR, S.B. 2010. Ethnolinguistic repertoire: Shifting the analytic focus in language and ethnicity. **Journal of Sociolinguistics**, v. 14, n. 2, p. 159-183. DOI <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-9841.2010.00440.x>

BLOMMAERT, J. 2010. **The Sociolinguistics of Globalization**. New York: Cambridge University Press. DOI <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511845307>

BLOMMAERT, J. Lookalike language. **English Today**, v. 28, n. 2, p. 60-62, 2012. DOI <http://dx.doi.org/10.1017/S0266078412000193>

BLOMMAERT, J. **Ethnography, Superdiversity and Linguistic Landscapes: Chronicles of Complexity**. Bristol: Multilingual Matters, 2013. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419>

BLOMMAERT, J.; BACKUS, A. Super diverse repertoires and the individual. *In*: SAINT-GEORGES, I. de; WEBER, J. (ed.). **Multilingualism and Multimodality: Current Challenges for Educational Studies**. Rotterdam, Sense Publishers, 2013. p. 11-32. DOI http://dx.doi.org/10.1007/978-94-6209-266-2_2

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**, v. 13, n. 2, p.1-21, 2011.

COULMANS, F. Linguistic Landscaping and the seed of the public sphere. *In*: E. SHOHAMY; D. GORTER (org.). **Linguistic Landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 13-14.

ERICKSON, F. What makes school ethnography 'ethnographic'? **Anthropology and Education Quarterly**, v. 15, n. 1, p. 51-66, 1986. Disponível em: http://www.indiana.edu/~educy520/sec5982/week_4/erickson84.pdf. Acesso em: 23 set. 2013. DOI <https://doi.org/10.1525/aeq.1984.15.1.05x1472p>

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography: Principles in Practice**. London: Tavistock, 1983.

PENNYCOOK, A. Linguistic Landscapes and the Transgressive semiotics of grati. *In*: E. SHOHAMY; D. GORTER (org.). **Linguistic Landscape: Expanding the Scenery**. New York: Routledge, 2009. p. 302-312. DOI <http://dx.doi.org/10.1111/josl.12079>

PENNYCOOK, A.; OTSUJI, E. Metrolingual multitasking and spatial repertoires: 'Pizza mo two minutes coming'. **Journal of Sociolinguistics**, v. 18, n. 2, p. 161-184, 2014. DOI <https://doi.org/10.1111/josl.12079>

SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. **Linguistic Landscape in the city**. Bristol: Multilingual Matters, 2010. DOI <https://doi.org/10.21832/9781847692993>

SHOHAMY, E.; GORTER, D. (org.). **Linguistic Landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2009. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203930960>

VERTOVEC, S. **Super-diversity**. London/New York: Routledge, 2006.

Bibliografia de Th. E. Pereira Batista (2015)

BLOMMAERT, J.; COLLINS, J.; SLEMBROUCK, S. Polycentricity and interactional regimes in „global neighborhoods“. **Ethnography**, v. 6, n.2, p. 205-235, 2005. DOI <https://doi.org/10.1177/1466138105057557>

BLOMMAERT, J.; MALY, I. **Ethnographic Linguistic Landscape Analysis and social change**: A case study, 2014.

BLOMMAERT, J. Chronicles of complexity. **Tilburg Papers in Culture Studies**, Tilburg University, n. 29, 2012.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511845307>

GARCEZ, P. M.; BULLA, G. S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **DELTA**, dezembro, 30(2), p. 257-288, 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445078307364908145>

JAFFE, A. Critical Perspectives on Language-in-Education Policy: The Corsican Example. In: McCARTY, T. (ed.) **Ethnography and Language Policy**. London: Routledge, 2011, p. 205-230.

MACEDO, A. T.; SILVA, G. M. de O. e. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). **Varição e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2007.

RAMPTON, B. Hegemony, social class and stylisation. **Pragmatics**, v. 13, n. 1, p. 49- 83, 2003. DOI <https://doi.org/10.1075/prag.13.1.03ram>

RAMPTON, B. **Language in Late Modernity - Interaction in an Urban School**. New York: Cambridge University Press, 2006. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486722>

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language and Communication**, v. 23, p. 193-229, 2003. DOI [https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2)

Bibliografia de Dalla Vecchia (2016)

BLOMMAERT, J. Further notes on sociolinguistic scales. **Working Papers Urban Language & Literacies**. London, 2006.

BLOMMAERT, J. **A sociolinguistics of globalization**. Cambridge: University Press, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511845307>

BLOMMAERT, J. **Chronicles of complexity: Ethnography, superdiversity, and linguistic landscapes**. Bristol: Multilingual matters, 2012. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419>

BLOMMAERT, J.; MALY, I. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. **Tilburg papers in culture studies**, paper 100, June 2014.

MAHER, T. M. **Ser Professor Sendo Índio: Questões de Lingua(gem) e Identidade**. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/ Universidade Estadual de Campinas, 1996.

MAHER, T.M. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. *et al.* (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p.117-134.

MAHER, T. M. Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n. 1, p. 33-48, jan./jun, 2010.

SHOHAMY, E. Linguística Landscape and Multilingualism. In: MARTIN-JONES, M.; BLACKLEDGE, A.; CREESE, A. (org.). **The Routledge of Multilingualism**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2012, p. 538-551.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007. DOI <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

Bibliografia de Dalla Vecchia e Jung (2016)

BLOMMAERT, J. **Ethnography, superdiversity, and linguistic landscapes. Chronicles of complexity**. Bristol: Multilingual matters, 2013. DOI <https://doi.org/10.21832/9781783090419>

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. **Diversities**, v. 3, n. 2, p. 1-21, 2011.

MOITA LOPES, L. P. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. *In*: MOITA Lopes, L. P. (org.) **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013, p.18-52.

SHOHAMY, E. **Language Policy: hidden agendas and new approaches**. Routledge: Oxon, 2006. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203387962>

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. **Ethnic and Racial Studies**, v. 30, n. 6, p. 1024-1054, 2007. DOI <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>